

Transmissão e reconhecimento do patrimônio industrial adquirido pela UFPel: caminhos para sua musealização

Transmission and recognition of industrial heritage acquired by UFPel: paths to Musealization

Enviado em: 31-05-2022

Aceito em: 11-07-2022

Ana María Sosa González¹

Amilcar Alexandre Oliveira da Rosa²

André Alves da Silva³

Rafaela May Amaral⁴

Resumo

As iniciativas locais de preservação do patrimônio industrial estão associadas ao processo de desindustrialização da cidade de Pelotas. Neste artigo, analisa-se a preservação e reutilização levada a cabo nos antigos prédios industriais adquiridos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Para isso, foi realizada pesquisa bibliográfica em trabalhos que tratam do desenvolvimento econômico e das transformações sociais locais (a maioria, produto de pesquisas de professores e estudantes da universidade), além de visitas aos espaços em que funcionavam as indústrias. Em um segundo momento, foram utilizados relatos de participantes envolvidos direta ou indiretamente no trabalho nas indústrias e de quem acompanhou inicialmente a ocupação de alguns desses espaços por parte da universidade. Por fim, apresenta-se o material produzido para o site e redes sociais do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel: memória dos lugares de produção industrial e suas possibilidades de pesquisa a partir do trabalho com as comunidades”, cuja principal finalidade é dar a conhecer ao mais amplo público

1 Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul (PUC-RS). Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora Visitante no Programa de Pós-Graduação em História da UFPel. E-mail: anasosagonzalez@gmail.com.

2 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Jornalista, licenciado em Filosofia e bacharel em Direito. E-mail: amilcarfloripa@gmail.com

3 Graduando de Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel (ano de ingresso: 2020). Bolsista no Programa de Bolsa de Iniciação à Pesquisa em Áreas Estratégicas – PBIP-AE/UFPel (março 2022 – agosto 2022). Email: andrealthes828@gmail.com

4 Graduanda no curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel (Ano de ingresso: 2020). Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq (Ingresso: set/2021). E-mail: rafaelamay@gmail.com

a história e trajetória dos locais para construir e divulgar o conhecimento sobre eles, promovendo a valorização do patrimônio industrial da cidade no presente. Entende-se que este é um dever da universidade: produzir, registrar e difundir conhecimento e preservar a memória como caminhos iniciais no processo de musealização do patrimônio industrial de Pelotas.

Palavras-chave: Patrimônio industrial, Musealização, Prédios adquiridos pela UFPel.

Abstract

Local initiatives to preserve industrial heritage are associated with the process of deindustrialization of Pelotas. In this article, the preservation and reuse in the old industrial buildings acquired by the Federal University of Pelotas (UFPel) are analyzed. For this, bibliographic research was carried out on papers dealing with economic development and local social transformations (mostly the product of research by professors and students of the university), as well as visits to the spaces where the industries worked. In a second moment, reports of participants directly or indirectly involved in work in the industries and who initially followed the occupation of some of these spaces by university were used. Finally, it presents the material produced for the site and social media of the project “Memory, identity and industrial heritage built by UFPel: memories of production places in Pelotas and their research possibilities from working with the communities”, whose main purpose is to make known to the widest public the history and trajectory of the spaces to build and disseminate knowledge about them, promoting the appreciation of the city’s industrial heritage in the present.

Keywords: Industrial heritage, Musealization, Buildings acquired by UFPel.

INTRODUÇÃO

Ao referir as “marcas profundas” dos processos de industrialização e desindustrialização nas sociedades contemporâneas, Nery (2020) cita a emergência de iniciativas de diversas organizações e projetos de incentivo à preservação do patrimônio industrial.

Os pesquisadores, engajados em tais projetos e preocupações mobilizaram ações preservacionistas e de caráter informativo, buscando a conscientização e valorização dos vestígios industriais. Nesse contexto, surgem iniciativas também no âmbito dos museus, onde há uma preservação das fábricas e seus objetos através da criação de museus industriais. (Nery, 2020, p. 435)

A autora lembra que essas iniciativas tiveram um crescimento significativo nos anos 1980, mas eram vistas já no século XIX. “Os museus industriais foram estratégias encontradas para criar espaços de salvaguarda, valorização, comunicação, educação e pesquisa do período industrial” (NERY, 2020, p. 435).

Assumindo uma visão ampla de museu como uma instituição a serviço da sociedade, que inspira descoberta, emoção, reflexão e pensamento crítico em torno do patrimônio material e imaterial, e cujas principais funções são a investigação, coleção, conservação, exibição, educação e comunicação⁵, entende-se que este artigo dialoga com o presente dossiê especialmente nos aspectos que se referem à transmissão de informações sobre antigos prédios industriais da cidade de Pelotas (RS) adquiridos pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a partir do site do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel: memória dos lugares de produção industrial e suas possibilidades de pesquisa a partir do trabalho com as comunidades”. Se bem o projeto não envolve um museu na sua dimensão física nem virtual⁶, dada a definição de museu virtual trabalhada por Desvallées e Mairesse (2014), pode-se entender o espaço virtual do site do projeto como um processo de musealização do patrimônio industrial da cidade de Pelotas.

Tanto quanto a memória dos processos de produção industrial e suas consequências para o desenvolvimento da cidade, os atores envolvidos – proprietários(as), trabalhadores(as) – e toda a rede de relações do entorno, a ocupação e preservação dos prédios envolve também a discussão sobre as

5 Lugar onde se produzia o charque: carne salgada, desidratada ao sol. A carne era cortada em mantas, colocando camadas de até dois centímetros de sal, garantindo assim a sua conservação por mais tempo. Posteriormente, a carne salgada era pendurada em varais para secagem através da exposição solar.

6 A instalação do Porto de Pelotas não foi um processo simples, com disputas políticas e fiscais acirradas com a vizinha cidade de Rio Grande, que temia perder arrecadação após a instalação da Alfândega em Pelotas, além de dificuldades das empresas responsáveis pela construção e da própria burocracia estatal. O processo, que começou oficialmente em 31 de dezembro de 1928, com a autorização da União para que o estado começasse as obras portuárias, estendeu-se até 21 de fevereiro de 1940, data da inauguração (GANDRA; SILVA; SIMÕES, 2020).

finalidades da preservação patrimonial propriamente dita, ao mesmo tempo em que também resulta fundamental a maneira como se dá a conhecer esse passado da produção industrial no presente, para que seja percebido como um legado e assim valorizado. O que deve ser preservado? Até que ponto se adéqua os espaços desse patrimônio às novas necessidades sem que o espaço original seja desfigurado? É possível preservar sem desfigurar os antigos espaços, talvez com impacto irreversível para a preservação da memória do patrimônio material e imaterial?

Essas são questões que tangenciam o discutido ao longo desse artigo, que analisa as modificações feitas nos antigos prédios industriais para adequação aos usos acadêmicos pela universidade. São questões para as quais não há respostas definitivas. Mas que remetem a preocupações que envolvem vários dos aspectos caros às políticas de preservação do patrimônio industrial, sendo um deles dar a conhecer ao mais amplo público informações sobre o passado desses locais.

Para isso, é importante rememorar a história das primeiras iniciativas industriais da cidade, na zona portuária de Pelotas. A região guarda memórias que remetem a um tempo distante, em que a riqueza econômica provinha majoritariamente do trabalho da população negra escravizada que atuava nas charqueadas⁷ (VARGAS, 2016). Essa região foi o primeiro espaço modificado planejadamente a partir da expansão originária das atividades industriais na cidade, ainda no século XIX (BRITTO, 2011, p. 59). Desde então, o Porto de Pelotas passou a ser muito importante para a importação de matéria-prima e a exportação de charque, principalmente, mas também de outras mercadorias, aos demais centros consumidores do Brasil (BRITTO, 2011, p. 59). No percurso do século XX, foi fundamental para o processo de industrialização e transformação da cidade⁸. Os reflexos desse processo de desenvolvimento econômico, contemporâneo do ciclo da produção das charqueadas, sentiram-

7 Várias denúncias e pesquisas realizadas na UFPel foram decisivas para advertir sobre esses problemas, ao mesmo tempo que ajudaram a criar consciência sobre os problemas dos apagamentos materiais desses vestígios industriais.

8 Neste aspecto destacam-se projetos de pesquisa vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo –FAURB. Ver as listas confeccionadas para o projeto que embasa esta pesquisa.

se ainda muito tempo depois do encerramento da produção de carne salgada, peles e couros que, exportados para outras cidades e estados do Brasil e do mundo, fizeram a riqueza de algumas famílias que ainda hoje dão nomes às ruas e praças da cidade. Esses reflexos estenderam-se à produção industrial posterior às charqueadas, às relações sociais e à própria dinâmica de ocupação do espaço rural e urbano da cidade de Pelotas.

A mão de obra escravizada, substituída pela mão de obra assalariada no pós-Abolição, no final do século XIX, e o processo de industrialização que começou nessa época em várias regiões do Brasil, também se fizeram sentir em Pelotas. Segundo Soares, essa etapa, que vai até 1946, foi de profundas mudanças políticas e sociais no mundo e no Brasil.

En este período el país cambió de régimen político (de la monarquía hacia la república), se ha abolido la esclavitud y se produjo el primer impulso de industrialización en los principales centros urbanos. Es el momento que en Brasil se producía también la llamada “transición urbana” desde la ciudad liberal hacia la ciudad que podríamos llamar de ciudad regulada. (SOARES, 2002, p. 61)

De acordo com o autor, Pelotas “experimentó un notable desarrollo económico y urbano” (SOARES, 2002, p. 61), favorecido pela produção e exportação do charque. Ou seja, a industrialização local está intimamente ligada ao ciclo anterior da produção saladeiril. A riqueza acumulada nas charqueadas possibilitou o acúmulo de capitais que, investidos em estruturas de transporte ferroviário e marítimo e na modernização urbana, criaram as condições para a implementação e expansão das atividades industriais contemporâneas à produção saladeiril e das iniciativas fabris que se seguiram.

Mas a etapa de industrialização que se iniciou nas últimas décadas do século XIX também encontrou seu fim, sucedida por uma forte desindustrialização, a partir da década de 1980. Britto (2011) situa esse processo no contexto das mudanças da organização econômica e política do Brasil no período final da ditadura civil-militar que por 21 anos (1964-1985) comandou o país.

O declínio do regime militar no ano de 1985, juntamente com o fim do chamado “milagre brasileiro”, denunciou a derrocada da economia nacional, culminando num processo de desestabilização financeira, inflação, retração do mercado e diminuição do poder de compra da população, revelando com isso as sequelas características do modelo de crescimento capitalista adotado no país durante o milagre econômico baseado, sobretudo, na integração internacional e no endividamento externo. (BRITTO, 2011, p. 77)

Como resultado, as áreas antes plenas de movimentação operária e de produção industrial foram sensivelmente reduzidas, e mesmo abandonadas, tornando-se “cemitérios” de prédios e memórias. “Desde 1980 até hoje, a atividade econômica na cidade tem migrado constantemente da produção industrial para o setor de prestação de serviços” (BRITTO, 2011, p. 79).

Os anos 1980 foram um marco para a reversão desse processo de abandono das estruturas fabris na cidade, mas não sem conflitos. A aprovação do II Plano Diretor de Pelotas, no início da década de 1980, introduziu os primeiros conceitos de preservação em nível municipal. Contudo, o plano,

[...] apesar de apresentar uma base teórica com objetivos preservacionistas, confronta-se com essa premissa de conservação do patrimônio ao implantar um regime urbanístico incentivador da ocupação e renovação do uso do solo para a área central, região de maior concentração de bens com valor histórico-cultural. (ALMEIDA, 2013, p. 18)

A aceleração dos processos de destruição dos acervos histórico-culturais, com demolições de prédios históricos e construção de edifícios, desqualificava e descaracterizava o espaço urbano⁹. Associe-se a esse cenário a concepção de preservação entendida apenas como tombamento de bens imóveis. “Somente com a ampliação do conceito de patrimônio, favorecido pelo processo de democratização e inclusão da sociedade nas práticas de políticas públicas, é que o caráter urbano e o valor de conjunto são inseridos neste contexto” (ALMEIDA, 2013, p. 17).

Ressalte-se que apenas com a promulgação da Constituição Federal de 1988 os municípios passaram a ter competência para legislar sobre

9 A que será atualizada posteriormente pelo Decreto 4.490/2003, Decreto 4.703/2004 e o Decreto 5.685/2015.

assuntos de interesse local. Mesmo assim, o novo Plano Diretor de Pelotas, que previa a observância de práticas preservacionistas atualizadas, sofreu um duro golpe com a aprovação da Lei 3.128/88, que transformou a apreciação do tombamento definitivo de imóveis em atribuição da Câmara Municipal, além de criar um Conselho Revisor, constituído majoritariamente por integrantes do mercado imobiliário, que teria a competência de avaliar as decisões originárias do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHC), instituído no início da década pela Lei 2.708/82, dispositivo que também estabelecia as regras sobre tombamento em nível municipal.

Assim, como decorrência das disputas em torno dos processos de preservação ou uso dos bens, e dos vários dispositivos legais consequentes, somente 20 anos depois, com a regulamentação da Lei 4.568/2000, ações como criação das zonas de preservação, tombamento de alguns exemplares, elaboração do cadastro de prédios de interesse patrimonial e a preocupação com o entorno dos prédios históricos foram postas em prática (ALMEIDA, 2013). A publicação da lei foi resultado da mobilização de grupos preservacionistas constituídos por técnicos da Prefeitura e da UFPel¹⁰ e pela sensibilização da comunidade, que aderiu à causa. Dessa mobilização, resultou o Sistema Municipal de Preservação Cultural (SIMPAC), que

contempla as mais variadas questões referentes à defesa do patrimônio cultural de Pelotas, como formas de preservação, cadastro e classificação dos bens imóveis de interesse cultural, incentivos, restrições, avaliação do entorno para novas inserções, etc. Depois de muita discussão envolvendo vários setores da sociedade, esse sistema bastante amplo foi aprovado, com restrições significativas comparando à integridade do projeto original, resultando na Lei 4568/2000¹¹. (ALMEIDA, 2013, p. 19)

Esta lei é considerada um divisor de águas para fins de preservação do patrimônio arquitetônico da cidade. Ela instituiu as Zonas de Preservação do

10 Sem desconhecer a importância de todos os pontos citados na Carta de Sevilha, foram mencionados apenas os que têm relação direta com a dimensão intangível do patrimônio industrial.

11 A primeira charqueada estabelecida onde hoje é Pelotas foi do português José Pinto Martins (POETSCH, 2002 apud BRITTO, 2011, p. 41-42).

Patrimônio Cultural (ZPPCs), listou os bens integrantes do inventário e tornou possível o controle das descaracterizações promovidas nos bens patrimoniais, assim como a possibilidade de regramento das futuras intervenções nos prédios inventariados e nos seus confrontantes laterais (ALMEIDA, 2013).

Finalmente, em 2008, com a aprovação do III Plano Diretor da cidade, foram definidas as Áreas de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC) e os Focos de Interesse Cultural (FEICs), propostas que reconhecem tanto os monumentos isolados quanto o valor de seu contexto para fins de preservação. A definição dessas áreas leva em consideração “os aspectos e as relações entre as características históricas, arquitetônicas, urbanísticas, paisagísticas, incluindo ainda neste rol as práticas sociais identificadas na zona urbana como um todo” (ALMEIDA, 2013, p. 21). Esta nova maneira de compreender a preservação valoriza o contexto histórico, com impacto direto nas políticas de preservação da memória e dos próprios usos dos equipamentos. É importante situar o contexto da questão de preservação do patrimônio industrial, central para a abordagem proposta neste artigo.

O patrimônio industrial é entendido como vestígios da cultura industrial com valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico: edificações, maquinários, oficinas, fábricas, minas, locais de processamento e de refinamento, armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as infraestruturas e locais onde se desenvolvem atividades sociais relacionadas à indústria (CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE EL PATRIMONIO INDUSTRIAL, 2003). Posteriormente, na Carta de Sevilha de Patrimônio Industrial (2018) reafirma-se, entre outros aspectos, o valor cultural dos testemunhos materiais e imateriais vinculados a essas atividades produtivas, assim como a crescente consciência cidadã para a manutenção e conservação desse patrimônio¹².

Nessa linha, Alessandro Portelli, no prefácio do livro *Conversando sobre Patrimônio Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens*, ao

12 Nesse período, o crescimento da população do Rio Grande do Sul foi de 286%. Na mesma época, Pelotas registrou um aumento de 754% no número de habitantes, o que fez com que a cidade em 1880 tivesse a mesma massa populacional de Porto Alegre e São Paulo. A atividade saladeiril colocava a cidade como o oitavo município de maior renda no Brasil (BRITTO, 2011).

referir ao abandono das estruturas industriais, preocupa-se com o “desperdício”, no sentido de que “o abandono de lugares onde as pessoas viveram, trabalharam, lutaram, comport[a] também o cancelamento das vidas de quem as fez viver” (PORTELLI, 2018, p. 7). Ou seja, tanto quanto as estruturas físicas e o papel das iniciativas fabris na história e no desenvolvimento das cidades, com seus impactos positivos e negativos, interessa preservar as memórias de trabalhadores e trabalhadoras que atuaram nesses locais.

Para o autor, “a recuperação do Patrimônio histórico de bens materiais-industriais se torna um modo importante para contar uma outra história, a história de gente comum que materialmente construiu a cidade e a fez viva” (PORTELLI, 2018, p. 8). Portelli afirma que “é importante, por isso, que a recuperação e o reuso não traiam a razão de ser, a história, a função dessa realidade” (PORTELLI, 2018, p. 8).

A industrialização e desindustrialização de Pelotas

Do final do século XIX até o começo da década de 1950 houve intensas mudanças políticas e sociais no Brasil. A abolição da escravatura impulsionou o primeiro movimento de industrialização nos principais centros urbanos, onde também ocorreu a chamada “transição urbana”. O grande movimento de imigração e industrialização também atingiu a cidade de Pelotas. Com isso, surgiram novos atores sociais. Antes concentrados apenas na capitania do charque, a “nova” burguesia da industrialização ocupou os espaços da cidade, trazendo consigo um novo proletariado. Pessoas que foram escravizadas e que finalmente estavam livres também faziam parte dessa nova realidade, trabalhadores no geral, imigrantes e comerciantes.

É possível compreender muito sobre a história e memória da cidade de Pelotas a partir da sua zona portuária – banhada pelas águas do canal São Gonçalo em que desaguam o Rio Piratini e o Arroio Pelotas (ALMEIDA,

2016a)¹³, às margens do Arroio Pelotas (BRITTO, 2011). O capital gerado pelos charques e o comércio adjacente desenvolveu a construção das primeiras obras onde hoje se assenta o sítio urbano da cidade pelotense. De 1814 a 1860, Pelotas vivenciou ¹⁴ e econômico baseado na produção artesanal da carne salgada e na exploração de mão de obra escravizada (BRITTO, 2011).

Das águas do Porto, vieram artigos importados para o abastecimento do comércio local e também o sustento de muitos trabalhadores, a partir das atividades vinculadas às instalações industriais que funcionavam na época. A zona do porto está relacionada ao que seria o futuro de Pelotas (ALMEIDA, 2016a). A região foi o primeiro espaço modificado em decorrência da expansão das atividades industriais na cidade de Pelotas (BRITTO, 2011). Também será importante para a instalação do futuro núcleo universitário da cidade, diretamente relacionado ao processo de desindustrialização local (Figuras 1, 2 e 3). Pode-se “dizer que o Porto de Pelotas, e a própria cidade em si, terá um novo período de sua História, marcado por desenvolvimentos estrutural-socioeconômicos, bem como o surgimento de novos problemas” (GANDRA, SILVA, SIMÕES, 2020, p. 213).

13 O Passo dos Negros é o local onde se estabeleceu o primeiro arraial, antes da criação da freguesia que depois transformou-se na cidade de Pelotas. Na atualidade, o abandono das antigas instalações das indústrias que ali operavam e o processo de favelização do local são marcas evidentes. Na região do Passo dos Negros há duas charqueadas antigas e também o Engenho e Charqueada São Gonçalo ou Engenho de Arroz Pedro Osório (SALABERRY, 2012).

14 Esta sesmaria constituiu o núcleo charqueador original, o núcleo urbano histórico de Pelotas e boa parte do seu tecido urbano atual (ALMEIDA, 2017). O sobrado-sede da charqueada de Domingos Rodrigues, ficava na “continuação da atual Rua Conde de Porto Alegre, sendo considerado o prédio mais antigo da cidade até ser demolido em 1907” (MAGALHÃES apud ALMEIDA, 2017). A demolição aconteceu no primeiro governo municipal de Pelotas, com o intendente Cipriano Rodrigues Barcelos. A adoção da medida condicionava-se à “continuidade das obras de melhoramento desta zona portuária a sul da cidade, dentre as quais se destaca a estruturação de novo e sólido cais, realizadas em 1905” (ALMEIDA, 2017).

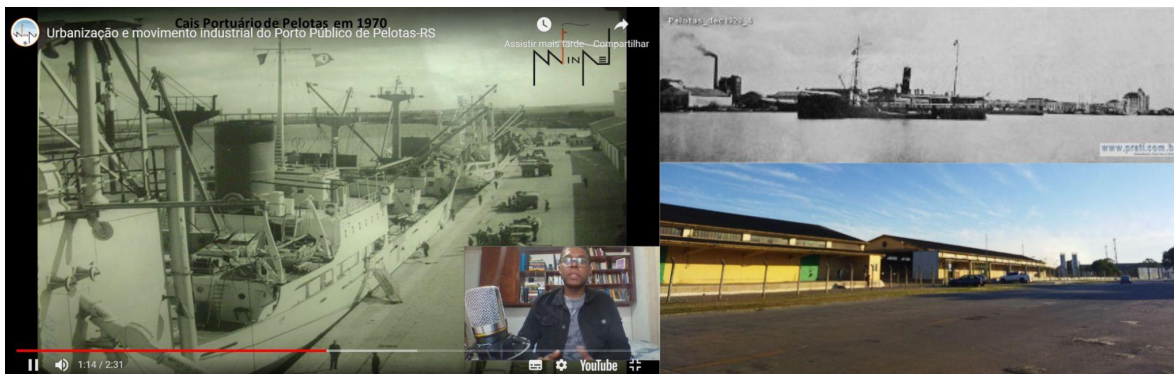


Figura 1 - Fonte: Galeria de Vídeos. Site do projeto “História, memória e patrimônio industrial de Pelotas”. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimoniointustrial/galeria/videos/>.

Figura 2 - Fonte: Vista do Porto de Pelotas. André Prati, site Fotos antigas RS.

Figura 3 - Fonte: Vista atual do Porto de Pelotas. Acervo do projeto “História, memória e patrimônio Industrial de Pelotas”, 2022.

O Porto de Pelotas é cheio de histórias. O Passo dos Negros¹⁵ – travessia do Canal São Gonçalo (entre Arroio Pelotas e o atual porto) – tem relação direta com isso, configurando-se desde cedo como principal entrada e saída da cidade, sendo muito importante para a importação de matéria-prima e também fornecedor de produtos aos demais mercados consumidores espalhados pelo Brasil (BRITTO, 2011). Mas não apenas isso. A região, situada ao sul de Pelotas, com ruas traçadas desde 1830, foi o endereço preferencial do primeiro núcleo fabril da cidade. Muitas indústrias buscaram se instalar ali, visando melhores possibilidades de escoamento para seus produtos. Com isso, cresceu a movimentação residencial, com a instalação dos operários que trabalhavam nas fábricas e de suas famílias.

Com os trabalhos de dragagem do canal, após 1876, navios de maior envergadura e negócios de maior vulto puderam chegar a Pelotas (ALMEIDA, 2017), cujo cais é a terminação ribeirinha da antiga Sesmaria do Monte Bonito¹⁶, situada entre o Arroio Santa Bárbara e o Arroio Pelotas. Disputas e tensões com a cidade vizinha de Rio Grande e seu porto fizeram que em 1881

15 Esse processo não foi algo exclusivo da cidade de Pelotas, a transição urbana-industrial aconteceu em toda América Latina, mesmo que de forma tardia em relação à Europa e à América do Norte. Uma das razões apontadas foi a resistência dos fazendeiros, assentados em uma matriz produtiva agrária, nas regiões latino-americanas (SOARES, 2002).

16 “O perímetro central considerado no ano de 1948 era definido ao norte pela Avenida Bento Gonçalves; ao sul, pela Rua 3 de Maio; ao leste, pela Rua Gonçalves Chaves; e ao oeste, pela Rua Barão de Santa Tecla; e que apenas essa área era abastecida pela rede de esgotos” (AGUIAR, 2009, p. 100).

se retirasse a Alfândega de Pelotas, demorando até o ano 1907 seu reestabelecimento (LONER, 2017, p. 219). “Em 1951, com a criação do Departamento de Portos, Rios e Canais (DEPRC), sua exploração e administração passou a ele, sendo atualmente administrado pela Superintendência de Portos e Hidrovias do Rio Grande do Sul” (LONER, 2017, p. 220).

Um fato veio se somar ao dinamismo das charqueadas e à instalação das primeiras fábricas, e foi decisivo para as etapas de desenvolvimento que se seguiram: a Abolição da escravidão, em 1888. Sem escravos, a economia local sofreu uma crise, devido à concorrência com a produção saladeiril da Argentina (que vinha usando a mão-de-obra livre) e também pelas mudanças nos hábitos alimentares no Brasil, onde o charque deixou de ser a base para a alimentação. Nessa época, das charqueadas que estavam em funcionamento na região de Pelotas, as terras de Heleodoro de Azevedo e Souza Filho correspondiam ao espaço sobre o qual se instalaria a Companhia Fiação e Tecidos Pelotense (1908), a Estação Ferroviária do Ramal Fluvial de Pelotas (1884) – e outras construções muito significativas do que se entende hoje como patrimônio industrial, após incorporação como área urbana pública (ALMEIDA, 2017).

O fim do sistema escravista ocasionou o início da queda da prosperidade saladeiril (BOTELHO, 2013). Segundo Aguiar (2009, p. 57), “a mudança da atividade charqueadora para a industrial privilegiou o espaço que nutria tal sistema econômico”. Assim, as charqueadas instaladas às margens dos locais abundantes em recursos hídricos abriram espaço para as indústrias que chegavam ao município. A abolição da escravidão, somada à introdução de novas tecnologias e à prática do trabalho assalariado, novas estruturas culturais, econômicas e sociais se estabeleceram na cidade. Pelotas, uma das mais importantes cidades do Rio Grande do Sul na época, também passou a ser centro de atração para os imigrantes.

Segundo Soares, o processo de industrialização causou mudanças significativas nas *performances* social e territorial em Pelotas. Essa transição de sociedade agrária para urbana-industrial provocou diversas transformações

morfológicas na cidade¹⁷, convertendo-se em um grande centro de produção e circulação de pessoas e mercadorias (SOARES, 2002).

No início do século XX, Pelotas já apresentava um notável crescimento comercial:

[...] Os dados de 1910 indicam na cidade um total de 188 fábricas, 278 oficinas e 822 casas de negócios diversos, entre as quais destacamos a *Bromberg & Cia.*, *Viúva Behrensdoerf & Cia.*, *Oliveira, Coelho & Cia.*, *Guerreiro, Irmão & Cia.*: todas trabalhando com a importação de produtos europeus [...] O desenvolvimento comercial da cidade e a formação de uma vasta área de influência levou a ser considerada como o “empório comercial” do Sul do Rio Grande do Sul (SOARES, 2002, p. 228).

Se a instalação do Porto em Pelotas foi um dos mais significativos avanços vivenciados pela cidade, a partir da segunda metade do século XIX (ALMEIDA, 2016a), com a mesma importância, deve-se registrar a instalação das primeiras indústrias de Pelotas, dentro do contexto da industrialização dispersa incipiente no Rio Grande do Sul, já no final do século XIX (BRITTO, 2011). Dessas atividades, houve uma grande circulação de capital, que promoveu melhoras na zona urbana de Pelotas: sistema de iluminação pública a gás; primeiro transporte público na forma de bondes com tração animal, a cargo da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas; instalação da Companhia Hidráulica Pelotense, com a estação local de água; construção da ponte ferroviária com vão móvel sobre o Canal São Gonçalo. Em 1884, a construção da malha ferroviária próxima ao canal contribuiu para a posterior formação de microrregiões (bairros) com caráter industrial e operário. Entre essas, duas infraestruturas de transporte. No ambiente urbano, delimitavam-se praças, jardins públicos, surge a imprensa local, clubes e diversas associações culturais. A cidade recebia muitos imigrantes, principalmente italianos,

17 Nessa mesma década, a divisão da cidade era feita da seguinte maneira: área central, a região com mais edifícios consolidados; e as zonas Norte (Bairro da Luz e Três Vendas, no subúrbio), Oeste (barragem de Santa Bárbara, Estação de Ferrovias, Avenida 20 de Setembro e bairro Fragata, no subúrbio), Leste (bairro da Várzea e subúrbio, com bairros Areal e Dunas) e Sul (Porto e barragem do canal São Gonçalo). Algumas plantas da cidade não incluíam os subúrbios, locais ocupados majoritariamente pela população trabalhadora (SOARES, 2002, p. 126).

alemães, portugueses, franceses, espanhóis e uruguaios; assim também se desenvolvem atividades comerciais e industriais (ALMEIDA, 2016a).

A expansão comercial de Pelotas ocorreu simultaneamente ao desenvolvimento da indústria na cidade. O censo econômico de 1940 apontava a existência de 259 estabelecimentos industriais na cidade, que possuíam mais de 4.000 trabalhadores. Em 1950, o total de fábricas era de 413 estabelecimentos, que empregavam 6.271 funcionários. O aumento da produção industrial colocou o município em posição de destaque no cenário nacional e em segundo lugar entre as comunas rio-grandenses. (AGUIAR, 2009, p. 99)

De acordo com a autora, nesse tempo produziu-se “uma diferenciação entre o espaço central¹⁸ (monumental e moderno) e o espaço periférico, em que se mesclavam as incipientes marcas da paisagem urbana em transformação e um ambiente ainda rural” (AGUIAR, 2009, p. 99). Um detalhe muito interessante, que aparece em várias entrevistas dos antigos moradores do Porto, ao lembrar que apenas essa área central era abastecida pela rede de esgotos, pode ser verificado na fala de Élide Correia:

E aquela vila que tem do outro lado, [...] tudo aquilo era campo, e aquele campo ali era das mulas dos cabungueiros, porque a gente não tinha esgoto, eram os barrilzinhos de madeira, era chamado os cabungos. Eu sou dessa época. [...]. Então tudo isso gerava emprego, subemprego. Isso já seria um subemprego, porque eles entravam dentro do arroio, com água pela cintura, despejavam e lavavam os cabungos. [...]. Depois das charretes, das carroças puxadas a mula, passou para os caminhões, [...], no caminhão eles iam que nem o caminhão do lixo, eles iam agarrados no caminhão, e iam parando e coletando aqueles cabungos e deixavam limpo, [...]. Era uma vida muito sacrificada para eles, mas era o que tinha a oferecer. (CORREIA, 2022)

Na atualidade, as margens do Canal São Gonçalo – em cujos cursos d’água antigamente navegava a riqueza produzida na cidade, além de serem usados para drenagem e despejo das fábricas – são agora irreconhecíveis, com esgoto a céu aberto e abandono (SALABERRY, 2012).

18 Iniciativas do século anterior, como a fundação da Sociedade Portuguesa de Beneficência, em 1857, com a construção do hospital em 1861 na zona sul da cidade, entre o centro e o Porto, já haviam sido feitas com a intenção de ocupar esta área da cidade (SOARES, 2002).

As primeiras instalações industriais em Pelotas e Rio Grande foram fruto de empreendimentos de iniciativas privadas de alguns imigrantes, principalmente alemães. Em 1900, a população de Pelotas era de 44.881 habitantes. Destes, 26.312 eram urbanos. Em 1901, a cidade contava com 4.731 edifícios, e 170 deles tinham duas ou mais plantas (SOARES, 2002). O aumento da indústria e do comércio urbano gerou mais movimento imobiliário e construções. Entre os anos de 1900 e 1920, a população urbana foi de 26 mil a 45 mil pessoas, transformação decorrente do aumento da força de trabalho e do dinamismo do mercado de propriedades. No mesmo período, 2.231 construções e reconstruções foram registradas no município (SOARES, 2002). A partir da segunda década do século XX, a modernização na pecuária proporcionou a chegada de vários frigoríficos com capital internacional (SOARES, 2002).

Em 1910, Pelotas, atingia a fase da industrialização moderna, com várias fábricas de tecidos, arroz, bebidas e frigoríficos. Essas indústrias se localizavam em toda a área urbana da cidade (SOARES, 2002). Em 1927, Pelotas possuía 9.698 edifícios, dos quais 7.782 eram urbanos e 1.916 suburbanos (SOARES, 2002, p. 116)¹⁹. Entre os anos de 1921 e 1922, um plano geral de ordenação da cidade foi elaborado por Fernando Rullman. Uma das principais mudanças foi na região do Porto, com o objetivo de fazer com que a área, pantanosa, permitisse a construção de edificações (SOARES, 2002). Outro objetivo desse plano era expandir a cidade, e assim estimular o crescimento da indústria e do comércio (SOARES, 2002)²⁰.

As grandes reestruturações políticas, sociais e espaciais em várias cidades do mundo e do Brasil, produto dos processos de industrialização e desindustrialização, não escaparam a Pelotas, que passou por mudanças espaciais causadas por esses processos – apresentando relações que determinam a gênese e a produção do espaço urbano desde o início do século XX até meados de 1980, quando começou um declínio industrial na cidade,

19 A propósito, cf. MICHELON (2019).

20 O prédio da Alfândega é incluído por se entender que, mesmo não sendo um patrimônio industrial em si, está intimamente relacionado a ele, como prédio administrativo na zona do Porto.

produto das políticas neoliberais do momento e da globalização econômica. Segundo Britto (2011), é a partir desse entendimento sobre a produção do espaço pela indústria que se torna possível entender as transformações por que passou a cidade.

O período industrial em Pelotas iniciado nas últimas décadas do século XIX chegava a sua decadência e fim por volta de 1980,

quando um número expressivo de indústrias na cidade fecha as portas ou transfere suas atividades para outras localidades. Esta decadência da atividade industrial no município insere-se num contexto onde atuam simultaneamente uma série de mudanças de ordem econômica e política local, ao mesmo tempo em que ocorrem alterações nos padrões de reprodução do sistema capitalista no mundo. (BRITTO, 2011, p. 77)

Como referido na introdução deste artigo, o final do “milagre econômico” prometido pela ditadura civil-militar foi decisivo para esta situação (BRITTO, 2011). As cidades que até então se beneficiavam dos processos de industrialização viram o sinal trocar, com aceleração da desindustrialização, fechamento de fábricas, desemprego e substituição da produção industrial pela prestação de serviços como principal item da atividade econômica.

Em 1981 o número de indústrias de conserva em Pelotas não passava de 40, empregando cerca de 4.300 trabalhadores permanentes e 17 mil safristas, produzindo cerca de 48 milhões de latas de pêssego ao ano. Em 1995, o número de empresas foi de apenas 18, com 730 trabalhadores diretos, produzindo uma média de 17 milhões de latas de pêssego ao ano. (BRITTO, 2011, p. 79)

Somou-se a isso o acirramento da competição com os países do Mercado Comum do Cone Sul (Mercosul), organismo a que o Brasil aderiu em 1990. Segundo Britto (2011), isso se deveu em grande parte à defasagem tecnológica da produção industrial pelotense com relação à produção dos países do Mercosul. O fechamento de indústrias como a CicaSul e a Vega, que respondiam por mais de 50% da produção de conservas de frutas e hortaliças da cidade, foi emblemático da derrocada industrial da cidade, comprometendo

o emprego de três mil funcionários e a vida de uma grande quantidade produtores rurais que dependiam dessas indústrias.

No final da década de 1990, a diminuição da contribuição industrial pelotense frente ao valor da produção industrial do estado do Rio Grande do Sul demonstra a perda da importância da atividade industrial na economia do município, bem como a de Pelotas com centro industrial regional (BRITTO, 2011). Com a opção de transporte rodoviário em detrimento do portuário e ferroviário, o porto de Pelotas, berço da industrialização da cidade, acabou sendo desativado. Nesta época, os prédios das antigas fábricas, já sem a destinação para a qual foram originariamente construídos, eram gradativamente abandonados.

Ao tratar da problemática da reutilização dos remanescentes industriais, é inescapável a conclusão de que a área do bairro do Porto de Pelotas tem uma grande importância memorial, carregando valores culturais que devem ser reconhecidos e socializados. O Porto pelotense possuiu uma grande quantidade de edificações fabris que um dia tiveram grande importância comercial, social e econômica na região (SALABERRY, 2012).

Utilizando da mesma retórica, Goularte afirma que:

A “Zona do Porto” apresenta um cenário em potencial para a conservação do patrimônio industrial de forma multidisciplinar. O lugar possui uma paisagem industrial significativa, com elementos em diferentes escalas e estados de conservação. Nas residências do lugar, ainda habitam antigos trabalhadores, além de outros integrantes da comunidade que preservam direta ou indiretamente as memórias relacionadas ao trabalho desenvolvido naquela área, o que estimula a criação de espaços de sociabilidade e de compartilhamento dessas memórias individuais e coletivas. (GOULARTE, 2021, p. 66)

Conforme mencionado, foi a partir da segunda metade do século XX que essa conjuntura industrial foi gradativamente sendo superada pelo surgimento de novas técnicas, novos modelos econômicos e de infraestrutura, tornando esse espaço urbano e seus edifícios industriais obsoletos. Inicia-se assim o processo de desindustrialização da “Zona do Porto” (como o lugar é conhecido popularmente), que foi alterando a paisagem do local, conduzindo-o para um significativo abandono.

O papel da universidade

O patrimônio industrial da cidade de Pelotas já há algum tempo tem recebido maior atenção por parte de estudiosos e do poder público²¹. Mas foi na década de 1980 que professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel (FAURB/UFPel) perceberam o enorme potencial das antigas estruturas industriais em desuso no bairro Porto. Prédios que, diante da crise, abandono e deterioração, poderiam solucionar as problemáticas espaciais da própria universidade, a partir de novos usos propostos para esses antigos lugares de trabalho. Viam nas construções uma possibilidade de reutilização com a finalidade de abrigar novas instalações da universidade, uma vez que a instituição crescia em número de cursos, alunos, professores e funcionários.

Foi assim que, em 1986, a FAURB propôs o projeto "Universidade na Cidade", que visava ocupar o prédio da antiga Fábrica de Tecidos Pelotense (GUTIERREZ; OLIVEIRA, 1986 apud GOULARTE, 2021, p. 60-61). Dentre os argumentos apresentados estavam:

o compromisso de socializar o conhecimento; a disponibilidade de funcionamento em três turnos; a aquisição de um bem imóvel urbano possibilitando a ampliação da Universidade na cidade; o aproveitamento de toda infraestrutura urbana existente; a reativação da área com instalação de novos comércios e serviços; além da economia de tempo e de dinheiro. (GUTIERREZ; OLIVEIRA, 1986 apud GOULARTE, 2021, p. 60-61).

Num segundo momento, em 1989, um novo projeto foi proposto, "Aquisição e Reciclagem do Antiga Fábrica de Fiação e Tecidos", com objetivo de ocupar esse prédio, bem como o da antiga Cervejaria Brahma (Cervejaria Sul Rio-Grandense) e outros espaços no bairro do Porto (GOULARTE, 2021). Dessa vez, novos argumentos voltados para valorização do patrimônio cultural foram apresentados. Entre eles:

21 Os dados históricos de cada prédio são muito diversos e apresentam diferenças, vazios de informação e imprecisões, sendo ainda necessárias muitas pesquisas para recompor não só o passado desses prédios como o próprio processo de aquisição dos mesmos por parte da universidade.

O engajamento efetivo e concreto da Universidade na utilização de prédios de interesse para a preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade; a defesa da ocupação da zona do Porto devido às excelentes condições de acessibilidade e infraestrutura para as atividades acadêmicas; e a defesa da ocupação da zona do Porto como ação de revitalização da área, contribuindo para a qualidade de vida da comunidade local. (GOULARTE, 2021, p. 61)

O projeto continuou envolvendo vários professores e estudantes da FAURB trabalhando no processo de documentação dos vestígios das fábricas fechadas.

Pero de los cinco complejos fabriles que hoy ocupa la Universidad, no todos siguieron esa propuesta original, inclusive el predio de la mencionada fábrica no fue adquirido. Y de los que pasaron a propiedad de la UFPel, no todos están en la zona del puerto. Tampoco fueron adquiridos en la misma época ni por los mismos motivos. Lo que esos predios industriales tienen en común es el hecho de que no hubo una planificación para el uso de esos bienes. Los usos se fueron dando conforme iban surgiendo las posibilidades (MICHELON; SOSA, 2021, p. 969).

Assim, em fins do século XX, e para atender as necessidades da UFPel, foi adquirido, em 1996, o prédio da antiga Fábrica de Lã, Cooperativa Sul Rio-Grandense de Lã (COSULÃ) (Figuras 4 e 5) e seus galpões. Posteriormente, através do REUNI, a Universidade adquiriu: em 2006 o complexo do Frigorífico Anglo (Figuras 6 e 7); em 2008, o Moinho Santista; em 2009, a Fábrica Cotada (Figuras 8 e 9); em 2010, o prédio da Alfândega²² (Figuras 10 e 11); e, em 2012, o prédio da Cervejaria Brahma (antiga Cervejaria Sul Rio-Grandense, Figuras 12 e 13) (SOSA GONZÁLEZ, 2019)²³. Dessa forma, ao longo de aproximadamente vinte anos, foram sendo adaptados antigos locais industriais – entre outros – para um uso acadêmico, acompanhando assim o processo de expansão da universidade e de seus cursos. Dos antigos prédios industriais adquiridos pela universidade, o prédio da Laneira Brasileira S. A. (Figuras 14 e

22 Trata-se do projeto coordenado pela Professora Dra. Francisca Michelin. As reformas no local começaram em 2015, em uma área aproximada de 700 m² que se encontra separada dos galpões industriais, instalando-se ali o Centro Regional de Cuidados Paliativos, vinculado ao Hospital da UFPel.

23 Destacando-se os desenvolvidos na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP), entre outros.

15) é o único que não se encontra na zona do Porto. Foi comprado em 2010, tendo sido elaborado um interessantíssimo projeto em 2013 que busca a requalificação do edifício²⁴.

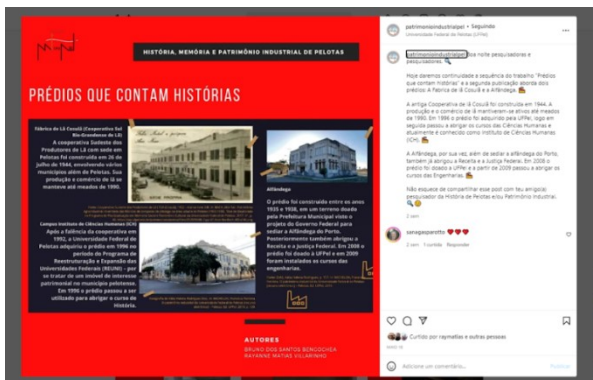


Figura 4 - Fonte: Prédios que contam Histórias. Instagram do projeto “História, memória e patrimônio industrial de Pelotas”, 2022.

Figura 5 - Fonte: Cosulã e Instituto de Ciências Humanas (ICH). Kátia Helena Rodrigues Dias, Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação: Coordenação de Comunicação Social/UFPEL, 2019.



Figura 6 - Fonte: Frigorífico Anglo de Pelotas. Instagram do projeto “História, memória e patrimônio industrial de Pelotas”, 2021.

Figura 7 - Fonte: Fachada Anglo, Kátia Helena Rodrigues Dias, Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação, Coordenação de Comunicação Social/UFPEL, 2019.

Conforme apontado, o novo uso desses locais não foi acompanhado de um sistemático trabalho de preservação da memória, apesar dos inúmeros esforços de vários professores e estudantes de diversos cursos da instituição²⁵. Também não foram integradas no processo de preservação e reativação as memórias dos trabalhadores e antigos moradores do bairro, sendo justamente

24 Ver site <https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioidustrial/>

25 Esse é o caso da recente pesquisa desenvolvida por Daniela Viera Goularte (2021) aqui referenciada, por citar um dos trabalhos atuais que têm contribuído muito com o projeto.

esse aspecto o que motivou o surgimento do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”, que deu base à reflexão proposta neste artigo.

Através da sistematização dos trabalhos acadêmicos produzidos em diversos cursos da universidade que se relacionam direta ou indiretamente com esse patrimônio industrial, assim como da reconstrução histórica a partir das narrativas dos ex-trabalhadores(as) e moradores(as) do bairro e da comunidade acadêmica que hoje usufrui desses espaços, é que se vem produzindo um abundante material cujo principal propósito é dar a conhecer os diferentes momentos da história desses prédios e, sobretudo, valorizar e difundir as memórias – ainda vivas – através de seu site e redes sociais²⁶. Trata-se de um amplo projeto do qual participam estudantes da Graduação e da Pós-Graduação em História e de vários Programas de Pós-Graduação da instituição, muitos dos quais desenvolvem em suas pesquisas individuais temáticas que contribuem diretamente com essa grande iniciativa²⁷.



Figura 8 - Fonte: Prédio Cotada. Garagem Experimental. Exposição coletiva “ReCotada”, 2010. Disponível em: <http://recotada.blogspot.com/search/label/Imagens%20da%20Exposi%C3%A7%C3%A3o>.

Figura 9 - Fonte: Cotada, Kátia Helena Rodrigues Dias, Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação, Coordenação de Comunicação Social/UFPel, 2019.

26 O Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas foi criado pela Lei Municipal 4.568/2000 e atualizado pelos Decretos 4.490/2003 e 4.703/2004. Conforme avaliação da Secretaria Municipal de Cultura, todos os prédios industriais inclusos nesse documento estão enquadrados no Nível 2 de preservação, definido pelo III Plano Diretor de Pelotas (PELOTAS, 2008).

27 Dona Edith nasceu em 1934 e morou toda sua vida próximo ao Anglo. Faleceu em 20 de maio de 2022, vinte dias depois de ser entrevistada. O presente texto rende homenagem a sua participação no projeto, valorizando infinitamente sua contribuição, demonstrando a importância desses registros, antes que já não se possa mais contar com eles.

Imagens do patrimônio industrial adquirido pela UFPel

Alfândega: Prédio construído entre 1935 e 1938 com a finalidade de abrigar a Alfândega do Porto. Adquirido pela Universidade Federal de Pelotas em 2010, atualmente abriga os cursos de Engenharia Geológica, Engenharia do Petróleo e Engenharia Hidráulica da Universidade Federal de Pelotas.



Fonte: A antiga Alfândega. Página do Facebook Olhares sobre Pelotas, 2013.



Figura 10 - Fonte: Antiga Alfândega. Página do Facebook “Olhares sobre Pelotas”, 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/patrimonioindustrial/galeria/imagens/>.

Figura 11 - Fonte: Prédio da Alfândega, Kátia Helena Rodrigues Dias, Pró-Reitoria de Gestão da Informação e Comunicação, Coordenação de Comunicação Social/UFPel, 2019.

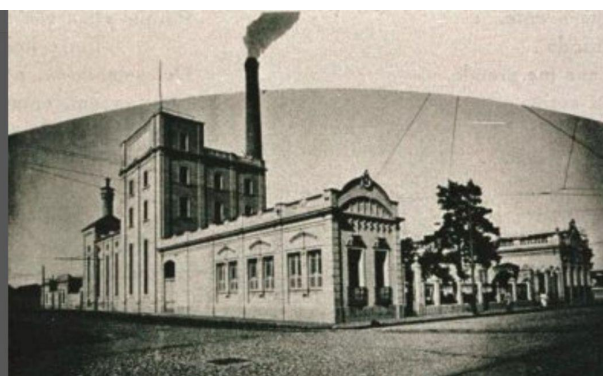
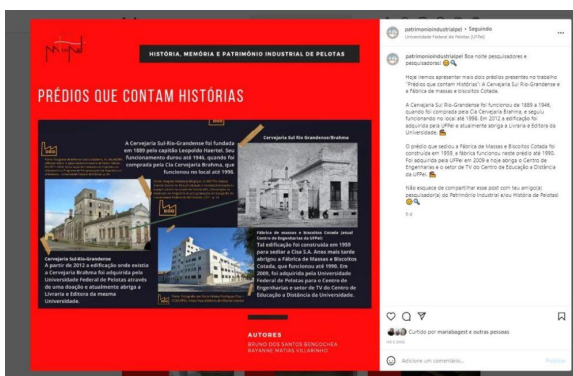


Figura 12 - Fonte: Prédios que contam Histórias. Instagram do projeto “História, memória e patrimônio industrial de Pelotas”, 2022.

Figura 13 - Fonte: Edifício Cervejaria Sul Rio Grande do Sr. Leopoldo Haertel, 1922. Almanaque de Pelotas II, s/p.



Figura 14 - Fonte: Prédios que contam Histórias. Projeto “Memória e Patrimônio Industrial de Pelotas”, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/expografica/2021/09/01/predios-que-contam-historias-memoria-e-patrimonio-industrial-de-pelotas/>.

Figura 15 - Fonte: Fachada Laneira, 2013. Acervo Daniela Vieira Goularte.

A “Zona do Porto”, lugar onde se encontram cinco dos antigos prédios industriais adquiridos pela UFPel, assim como outras antigas fábricas reconhecidas e protegidas pelos seus atributos patrimoniais²⁸, conta com uma densa história vinculada aos mundos do trabalho e da urbanização da cidade, que se intensificou na primeira metade do século XX. Informações fundamentais como a função original que tinham os prédios, o cotidiano daqueles trabalhadores e trabalhadoras, a maneira como as pessoas ensinavam e aprendiam seus ofícios, as transformações da paisagem do bairro, entre outros aspectos daquele passado, são os propósitos do mencionado projeto, que atualmente está dedicado ao registro dessa memória viva, antes que já não seja possível contar com elas.

Essas pessoas ainda hoje compartilham memórias, sentimentos e experiências, criando uma identidade e pertença àqueles locais, ao bairro e à cidade como um todo. São esses registros que se citam a seguir e que formam parte do material elaborado para a transmissão e difusão dessas memórias no site do projeto.

Entre os atuais prédios que pertencem à UFPel, está a antiga Fábrica da Cotada, localizada na Rua Benjamin Constant nº 989, com frente para a Praça Domingos Rodrigues. O prédio passou por processo de intervenções de adaptação para uso de salas de aula e laboratórios da UFPel (SALABERRY, 2012). A reutilização do prédio oportuniza lembranças para o ex-funcionário da empresa, Marcelo Sang:

Eu tenho essa certeza absoluta que um dos patrimônios de Pelotas foram os produtos Cotada. Mas absoluta. Tu não imagina quantas pessoas conheceram esse produto. Às vezes eu falo que eu trabalhei, comentando com pessoas que eu nem conheço... Bah! Eu trabalhei na Cotada, ah... Cotada, biscoito Cotada, macarrão Cotada, farinha de trigo. Olha. É incrível que se tu falar com pessoas na rua, principalmente pessoas que viveram nessa época, todos, sem exceção, conheceram os produtos Cotada. Sem exceção! Eu acho que tinha que ser ... A Cotada merece isso, sabe, merece. Que seja

28 Tomando como base, por falta de um termo melhor, o que Desvallées e Mairesse (2014) apontam a respeito dos “museus virtuais”, caracterizados por coleções digitalizadas, regidas por uma lógica e por diversos suportes que permitem ampla acessibilidade, interação e comunicação com os visitantes.

reconhecida como um patrimônio, como um patrimônio da cidade de Pelotas. (SANG, 2021)

O ex-funcionário enfatiza a necessidade de reconhecimento da antiga empresa pelas novas gerações e valoriza o trabalho da universidade: “Essa empresa com certeza tinha que ser reconhecida. Esses produtos, o nome Cotada. Eu achei muito, muito legal vocês, o pessoal do da UFPel, ter deixado o nome na fachada lá” (SANG, 2021).

Entre os aspectos relatados em vários depoimentos, destaca-se o referente aos reflexos do processo de revitalização do entorno dos prédios, ocupado por ex-funcionários das fábricas e por pessoas que, por trabalharem na universidade, acabaram indo morar no bairro. A questão patrimonial, e suas repercussões sobre temas como as formas de reutilização, suscitam inclusive mudanças de visões sobre os processos de reutilização. É o caso da Professora Dra. Lorena Gill, do Departamento de História da UFPel, crítica de alguns aspectos do reaproveitamento dos prédios:

Há um tempo atrás trouxemos, um arquiteto do Rio pra fazer uma fala... [...] eu fui mostrando (o prédio do ICH), e num determinado momento eu meio que critiquei essa decisão, dessa fragmentação, e ele me olhou e disse: “Gente, eu achei isso perfeito!” (risos). Ele disse: “Eu, como arquiteto, eu achei essa decisão perfeita, porque é como se vocês dessem uma nova vida para cidade”. E o bairro Porto, a Várzea, era muito um lugar de operários. Então, houve uma revitalização do Porto. Enfim, as casas poderiam ter sido, restauradas, né? Então eu acho que isso é interessante defendida pelo professor. (GILL, 2022)

O Professor Dr. Sebastião Peres, diretor do Instituto de Ciências Humanas da UFPel, destaca outros elementos referentes ao processo de revitalização do bairro, decorrentes do reaproveitamento dos prédios adquiridos pela universidade.

Essa área era uma área decadente da cidade, essa área do Porto. Então à noite, as ruas eram desertas e mal iluminadas. [...]. Olha, eu não sei se foi uma impressão minha, mas ao que parece, à medida que a universidade foi ocupando com mais intensidade esses prédios aqui, com a Arquitetura na época, o ILA, que era Letras e Artes, ali onde agora o Centro de Artes, é que a Universidade começou a ocupar mais esse espaço, essa área começou aparentemente a se

renovar. Então, aícomeçam a aparecer bares, voltados para os estudantes [...]. Os aluguéis e mesmo o comércio de casas, ... melhorou. Vários professores vieram morar nessa região, eu mesmo comprei casa aqui nessa área [...]. Então essa área aqui como foi reativada. (PERES, 2022)

O entrevistado comentou também que o processo de melhoras por parte do poder público nos serviços do bairro (iluminação, transporte, segurança) teve como estímulo

A vinda da universidade, a ocupação desses prédios aqui, pela universidade, reativou digamos assim... Enfim, ela permitiu um renascimento dessa área que estava um tanto quanto largada. (PERES, 2022)

Mas nem tudo é elogio para o processo de apropriação e reutilização dos antigos prédios pela universidade. A urgência com que a universidade ocupou as novas instalações refletiu na preservação dos espaços. O mesmo entrevistado observa:

Não havia nenhuma preocupação com isso. Não havia nenhuma noção, mesmo a instalação de áreas como a Museologia e outros cursos, aconteceram mais tarde. [...] Mas naquele momento não. O que havia era uma tremenda urgência. Então a gente não sabe...[...]. eu estou situando em 1995 [...] Então não houve um acompanhamento, não havia uma preocupação da gestão na época em pensar: “Bom, nós vamos intervir num prédio histórico, num prédio que tem toda uma carga de memória, então vamos ver com os especialistas”, digamos assim. Porque naquele momento era mais o pessoal da História. Depois, a partir do grupo da História [...] vão se originar Museologia e tal. Mas o que se trabalhava em memória, memória histórica e documentação era dentro da História. Então não havia uma preocupação de “Vamos trazer esse pessoal aqui para primeiro ver o que dá para preservar”. Não. Se contratava empresas de engenharia, com um projeto arquitetônico. [...] Pessoas que não tinham a menor preocupação com os aspectos históricos, de preservação, qualquer coisa assim. E faz um projeto para adaptar isso aqui, porque precisa sala de aula, então tem que ter tantas salas aqui, aqui vamos colocar isso, faz um desenho aí. (PERES, 2022)

Vice-diretor no exercício da direção do ICH na época da aquisição dos novos prédios, Sebastião lembra de ter questionado a decisão da universidade de investir em novos prédios enquanto os prédios que pertenciam à

universidade passavam por processo de deterioração. Sua reflexão presente se torna muito interessante para verificar inclusive as mudanças de opinião ao longo do tempo (algo semelhante ao narrado pela professora Gill, mantendo, mesmo assim, um posicionamento crítico em relação a dito processo).

Agora, como diretor, agora no ano de 2022, falando sobre algo que aconteceu lá, na segunda metade dos anos [19]90 [...], se nós tivéssemos permanecido lá, nós não teríamos tido as condições de expansão que tivemos [...]. A vinda para cá permitiu que algumas atividades pudessem ser desenvolvidas com mais tranquilidade. (PERES, 2022)

A memória dos tempos passados e do presente aproxima gerações. Exemplo disso é o depoimento da Dona Edith Mendes da Cunha²⁹, ao mencionar com orgulho o fato de que hoje seu neto é professor no prédio do frigorífico Anglo. “Ah, eu acho que para mim foi muito bom, né? Porque eu não vejo ele trabalhar como o avô e o bisavô trabalharam. Estudou e não se esforça tanto como eles se esforçaram” (CUNHA, 2022). Sua filha Élide reforça o depoimento de Edith e acrescenta sua própria experiência como estudante:

O pai tinha muito orgulho de saber que o neto ia dar aula, primeiro que estudou e tudo, mas que ia dar aula no Anglo. E quando eu fui fazer faculdade no Anglo, ele tinha um prazer de me levar. Ele me levava de carro até lá e me explicava. Ele descia do carro e ficava me explicando tudo. (CORREIA, 2022)

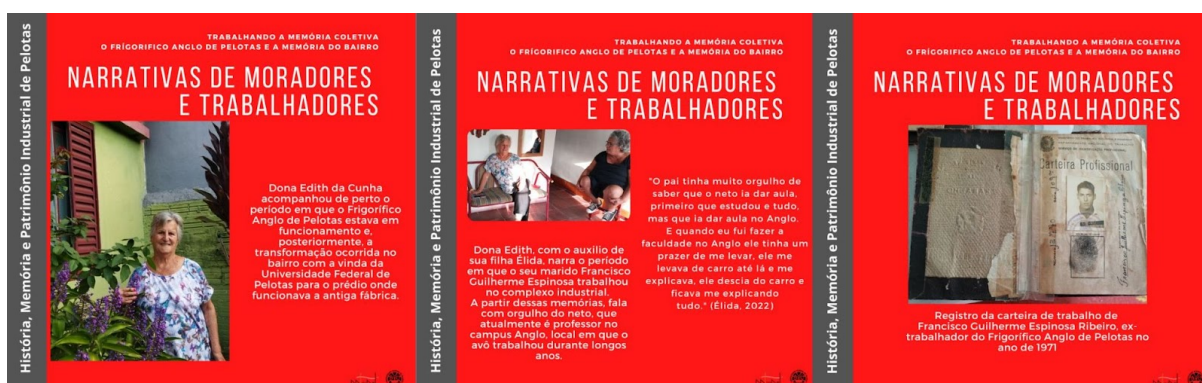


Figura 16 – Fonte: Entrevistadas. Acervo do projeto “História, memória e Patrimônio Industrial de Pelotas”, 2022.

29 Baseado na consulta pública em processo por parte do ICOMOS – Brasil. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2173; http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2022/03/NovaDefinicao_5Propostas.pdf. Acesso: 3 jun. 2022.

O fechamento do frigorífico alterou a rotina dos moradores do bairro, segundo Élide: “A gente saía, cansamos de sair e só encostar a porta de casa, porque não existia ladrão e quando fechou Anglo, depois a Sudeste, aí cresceu, cresceu, cresceu e o pessoal roubando, roubando” (CORREIA, 2022). A presença da universidade, segundo Élide, trouxe esperança de que a situação mudaria, com novas oportunidades de trabalho e de lazer, em função da abertura de negócios que a universidade propiciaria. Mas veio a desilusão.

O pessoal se encheu de esperança. Abriram muitos restauantezinhos fornecedores de vianda, mas cadê o pessoal? Demorou tanto para vir e aí acabaram quebrando, de novo foram iludidos, porque eles prometeram, ali no fundo da casa da mãe, abrir um restaurante. Lá em frente no bosque aquele ali seria a casa dos estudantes. Aí todo mundo que fez bares e coisas aqui, achou que ia voltar as atividades no bairro, mas só cresceu a marginalidade, muito, cresceu muito. (CORREIA, 2022)

Por outro lado, a Professora Dra. Andréa Bachettini, atual vice-diretora do ICH, tendo sido estudante do curso de Artes na época que ocorreram as mudanças para o ex-prédio da Cosulã, comentou que a discussão patrimonial relacionada à reutilização dos prédios é recente. Nesse sentido, suas observações ecoam as do professor Sebastião Peres, relacionadas à urgência que orientou o processo de apropriação dos prédios pela universidade.

Não era valorizado como patrimônio, isso é bem recente. A cidade ficou com as indústrias fechando e esses prédios meio que abandonados por um período, mas não se falava, nessa época. Eu sou da primeira turma, da turma de Patrimônio Cultural, Conservação de Artefatos, que iniciou em [19]96. E aí, sim, começou uma certa discussão, mas ainda patrimônio industrial não. A gente estava mais voltada para os prédios históricos, ecléticos, mais centrais. A região do Porto já era estudada, né? Mas o patrimônio industrial ainda não. (BACHETTINI, 2022)

Como se viu, mais do que discutir a preservação de locais em que se instalaram as fábricas, em um determinado momento da história da cidade, importa aqui dar a conhecer o trabalho que se está desenvolvendo através do site e das redes sociais do projeto como uma instância ou passos iniciais no

processo de musealização que se espera fortalecer com esta pesquisa. Reconstituir a história desses locais, a partir das memórias associadas a esses empreendimentos e a seu entorno pelos antigos trabalhadores e atuais moradores do bairro, além de analisar o impacto, nem sempre positivo, que tal iniciativa de revitalização teve e tem para a comunidade como um todo, é o que almeja essa pesquisa. No caso da apropriação desses espaços pela UFPel, há observações dos dois tipos: ao mesmo tempo em que se louva a iniciativa, faz-se o exercício crítico com relação a ela, que, entre outras coisas, é representado por propostas como a do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”, que se debruça sobre esse processo, recuperando sua trajetória e apontando caminhos que incluem sua discussão e divulgação, de maneira a que a comunidade, a principal interessada, tenha acesso às informações sobre o passado da cidade e às políticas patrimoniais que envolvem esses processos de reativação no presente e das possibilidades do futuro.

Algumas considerações finais

Para a presente análise, foram destacadas, além dos variados materiais produzidos para sua mais ampla difusão no site do projeto (postagens, vídeos relacionados ao patrimônio industrial baseados nas pesquisas individuais de membros da equipe do projeto, entre outros), as narrativas de pessoas – antigos trabalhadores e moradores atuais do bairro do Porto, assim como da comunidade acadêmica representada por professores que acompanharam o processo de ocupação inicial dos prédios por parte da UFPel. O material produzido e, especialmente, os registros a partir das fontes orais que o projeto gera, aportaram importantes informações, enriquecendo as já existentes. Essas narrativas trazem novos olhares, perspectivas e dados que ainda não tinham sido registrados, integrando-as à dinâmica histórica abordada em outro tipo de fontes documentais. Um dos desdobramentos deste projeto é a integração desses registros ao processo de musealização do patrimônio industrial da cidade de Pelotas.

Por outro lado, é fundamental, no processo de recuperação desses testemunhos (imateriais e materiais), pensar na forma como serão divulgados, já que os novos usos daqueles locais nem sempre contemplam essa possibilidade. Esse é um compromisso que principalmente as instituições educativas devem ter. Por isso, é fundamental criar formas de aproximar as novas gerações do passado que motivou a existência desses estabelecimentos, que hoje servem para outros propósitos – neste caso, educativos.

Dessa forma, as etapas iniciais do processo de musealização do patrimônio industrial da cidade de Pelotas abrangem iniciativas variadas, que vão da reconstituição da história das fábricas, do contexto de sua criação, das razões de seu declínio, dos reflexos nas vidas das pessoas que trabalhavam nesses locais e/ou que viviam ou ainda vivem em seu entorno e das relações que se estabeleceram na cidade como reflexo da operação das indústrias. Além das memórias dos(as) trabalhadores(as) que protagonizaram essas histórias, interessam as narrativas dos(as) moradores(as) do bairro e da comunidade acadêmica que usufrui atualmente desses prédios, que outrora serviam para a produção industrial, gerando empregos e mobilizando a cidade.

Como dito, é dever da universidade a preservação e as iniciativas de musealização desse patrimônio. Afinal, mesmo vivendo a infeliz circunstância de um período em que recursos para esse tipo de iniciativa não são prioridade no Brasil, é possível, a partir da atuação de cursos diretamente relacionados à temática, como Museologia, Memória e Patrimônio e História, avançar nos processos de musealização do patrimônio industrial de Pelotas. Ainda há muito por fazer, mas iniciativas como a do projeto no qual se baseia este artigo mostram que estamos no caminho.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Marlise Sanchotene de. **Um olhar sobre o palimpsesto urbano: processo de formação e diferentes construções no tempo de um patrimônio arquitetônico às margens do Canal São Gonçalo (Pelotas/RS)**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em

História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2009.

ALMEIDA, Guilherme Pinto de. Porto Memória. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 2013.

_____. Porto Memória. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 24 e 25 de setembro de 2016a.

_____. Porto Memória. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 1 e 2 de outubro de 2016b.

_____. Porto Memória. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 4 e 5 de março de 2017.

_____. Porto Memória. **Jornal Diário da Manhã**, Pelotas, 13 e 14 de janeiro de 2018.

BACHETTINI, Andrea Lacerda. [20 de abr. de 2022]. Entrevistador(a): Caroline Silva e Rafaela May Amaral; transcrita por: André Alves da Silva. Pelotas, 2022.

BOTELHO, Daniel Moraes. **Nos telhados de Pelotas/RS: revelando rasgos no espaço urbano através de fotografias e cartões postais**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

BRITTO, Natalia Daniela Soares Sá. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande. 2011

CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE EL PATRIMONIO INDUSTRIAL. Julho de 2003. Disponível em: <https://www.icomos.org/18thapril/2006/nizhny-tagil-charter-sp.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

CARTA DE SEVILHA DE PATRIMÔNIO INDUSTRIAL. 2018. Disponível em: <https://ticcihbrasil.org.br/tag/carta-de-sevilha/>. Acesso em: 28 maio 2022.

CORREIA, Élide Ribeiro. [24 de abr. de 2022]. Entrevistador(a): Ana Maria Sosa Gonzalez, Caroline Silva e Rafaela May Amaral; transcrita por: André Alves da Silva. Pelotas, 2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. 2014. São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comitê Nacional Português do ICOM. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

GILL, Lorena Almeida. [25 de abr. de 2022]. Entrevistador(a): Ana Maria Sosa González e Rafaela May Amaral; transcrita por: Rafaela May Amaral. Pelotas, 2022.

GOULARTE, Daniela Vieira. **Memórias, ressignificações e percepções relacionadas ao patrimônio industrial compartilhado entre a cidade e universidade: o lugar da UFPel no Porto de Pelotas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados: Pelotas**. Acesso junho de 2020.

LONER, Ana Beatriz. Porto. In: LONER, Ana Beatriz; GILL, Lorena Almeida; MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: UFPel: Livraria Mundial, 1993.

NECAT. Núcleo de Estudos da Economia Catarinense. **Valor Adicionado Bruto**. Disponível em: <https://necat.ufsc.br/valor-adicionado-bruto-de-santa-catarina-ibge/>. Acesso em: 10 maio 2022.

MICHELON. Francisca Ferreira (Org.). **O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2019. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em: 30 jun. 2022.

MICHELON. Francisca Ferreira; SOSA GONZÁLEZ, Ana María. La investigación sobre el Patrimonio Industrial de la Universidad Federal de Pelotas (Brasil). In: ARENCES, Miguel Álvarez (org.). Colección **Los Ojos de la Memoria**, n. 23. Gijón: Ed. Cicees, 2021, p. 967-978.

NERY, O. S. **A industrialização em espaços museológicos**: análises do Museu do Trabalho, Central Tejo e Museu Nacional da Ciência e da Técnica da Catalunha. *Patrimônio e Memória*, v. 16, p. 433-462. São Paulo: UNESP, 2020.

PELOTAS. **Lei n. 4.568/2000**. Declara área da cidade como zonas de preservação do patrimônio cultural de Pelotas – ZPPCs – lista seus bens integrantes e dá outras providências. Pelotas, RS. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rs/pelotas?o=&q=Lei+n.+4.568%2F2000>. Acesso em: 22 abr. 2022.

_____. **Decreto 4.490/2003**. Dispõe sobre os bens integrantes do Inventário do Patrimônio Cultural de Pelotas. Pelotas, RS. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn:urn:lex:br;rio.grande.sul;pelotas:municipal:decreto:2003-02-27;4490>. Acesso em: 13 maio 2022.

_____. **Decreto 4.703/2004**. Dispõe sobre os bens integrantes do inventário do patrimônio cultural de Pelotas. Pelotas, RS. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/pelotas/decreto/2004/471/4703/decreto-n-4703-2004-dispoe-sobre-os-bens-integrantes-do-inventario-do-patrimonio-cultural-de-pelotas?q=Decreto+4.703>. Acesso em: 17 maio 2022.

_____. **Lei n. 5.502, de 11 de setembro de 2008**. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/plano-diretor-pelotas-rs>. Acesso em: 13 abr. 2022.

_____. **Decreto 5.865/2015**. Exclui imóveis do Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas, e dá outras providências. Pelotas, RS. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/p/pelotas/decreto/2015/586/5865/decreto-n-5865-2015-exclui-imoveis-do-inventario-do-patrimonio-historico-e-cultural-de-pelotas-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 13 abr. 2022. PERES, Sebastião. [25 de abr. de 2022]. Entrevistador(a): Ana Maria Sosa González e Rafaela May Amaral; transcrita por: Rafaela May Amaral. Pelotas, 2022.

PORTELLI, Alessandro. Prefácio. In: MATOS, Ana Cardoso de. **Conversando sobre patrimônio industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens**. Sobral: Edições UVA, 2018.

RIBEIRO, Edite da Cunha. [24 de abril de 2022]. Entrevistador(a): Ana Maria Sosa Gonzalez, Caroline Cardoso da Silva e Rafaela May Amaral; transcrita por: André Alves da Silva. Pelotas, 2022.

SALABERRY, Jeferson Dutra. **A agroindústria no bairro do Porto: Pelotas - RS (1911 - 1922)**. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Pelotas. 2012.

SANG, Marcelo Wong Lopes Niook. [11 de out. de 2021]. Entrevistador(a): Gabriel Basilio de Campos; transcrita por: Rafaela May Amaral e Rodrigo de Jesus dos Santos. Pelotas, 2021.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigo. Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas nas primeiras décadas do século XX. **Anos 90 (UFRGS)**, Porto Alegre, v. 14, p. 184-201, 2000.

_____, Paulo Roberto Rodrigo. **Del proyecto urbano a la producción del espacio: morfología urbana de la ciudad de Pelotas, Brasil (1812-2000)**. Tese de Doutorado. Programa de Doctorado Pensamiento Geográfico y Ordenación del Territorio Bienio. Universidad de Barcelona. 2002.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. Patrimônio industrial: um legado para conhecer, reconhecer e preservar. *In: MICHELON, Francisca Ferreira. [Org.] O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: Editora UFPel, 2019b. p. 69-84.

Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SOSA GONZÁLEZ, Ana María. A UFPel, a cidade de Pelotas e seu patrimônio industrial: uma reflexão e sistematização a partir do projeto “Memória, identidade e patrimônio industrial adquirido pela UFPel”. *In: MICHELON, Francisca Ferreira. [Org.] O patrimônio industrial da Universidade Federal de Pelotas*. Pelotas: Editora UFPel, 2019a. p. 85-123. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4869>. Acesso em: 30 jun. 2022.

VARGAS, Jonas M. **Os barões do charque e suas fortunas**: um estudo sobre as elites regionais brasileiras a partir de uma análise dos charqueadores de Pelotas (Rio Grande do Sul, século XIX). São Leopoldo: Oikos Editora, 2016.